



# MURALHA DE GELO

SENDO ESTE O VOLUME 2 DA GRANDE SAGA

GEORGE  
R.R.  
MARTIN

- tradução de Jorge Candeias -



## DAENERYS

O Portão dos Cavalos de Vaes Dothrak era composto por dois gigantescos garanhões de bronze, empinados, cujos cascos se encontravam trinta metros acima da estrada, formando um arco pontiagudo.

Dany não saberia explicar porque necessitava a cidade de portão se não tinha muralhas... nem edifícios que ela conseguisse ver. Mas ali estava, imenso e belo, com os grandes cavalos a enquadrar a distante montanha púrpura atrás deles. Os garanhões de bronze atiravam longas sombras sobre a erva ondulante quando Khal Drogo fez o *khalasar* passar sob os seus cascos e avançar ao longo do caminho dos deuses, ladeado pelos seus companheiros de sangue.

Dany seguia-os montada na sua prata, escoltada por Sor Jorah Mormont e o irmão Viserys, de novo a cavalo. Depois do dia, no mar de erva, em que o abandonara para que regressasse a pé ao *khalasar*, os dothraki tinham passado a chamar-lhe, entre risos, *Khal Rhae Mhar*, o Rei dos Pés Seguros. Khal Drogo oferecera-lhe um lugar numa carroça no dia seguinte, e Viserys aceitara. Na sua teimosa ignorância, nem compreendera que troçavam dele; as carroças destinavam-se a eunucos, aleijados, mulheres a dar à luz, os muito jovens e os muito velhos. Isso conquistou-lhe mais um nome: *Khal Rhagat*, o Rei Carroça. O irmão de Dany pensara que o gesto era a maneira do *khal* de se desculpar pelo mal que a irmã lhe fizera. Ela pedira a Sor Jorah que não lhe contasse a verdade, para que não sentisse vergonha. O cavaleiro respondera que um pouco de vergonha não faria mal nenhum ao rei... mas fizera o que ela pedira. Foram precisas muitas súplicas, e todos os truques de cama que Doreah lhe ensinara, para que Dany conseguisse fazer com que Drogo aceitasse que Viserys se lhes voltasse a juntar à cabeça da coluna.

— Onde está a cidade? — perguntou ao passarem sob o arco de bronze. Não havia edifícios à vista, não havia pessoas, via-se apenas a erva e a estrada, delimitada por fileiras de antigos monumentos provenientes de todas as terras que os dothraki tinham saqueado ao longo dos séculos.

— Lá à frente — respondeu Sor Jorah. — No sopé da montanha.

Para lá do portão dos cavalos, deuses pilhados e heróis roubados erguiam-se de ambos os lados da coluna. Divindades esquecidas de cidades mortas ameaçavam o céu com os seus relâmpagos quebrados quando Dany

passou com a sua prata a seus pés. Reis de pedra olhavam-na do alto dos seus tronos, com os rostos lascados e manchados, e até os nomes perdidos na névoa do tempo. Donzelas ágeis e jovens dançavam em plintos de mármore, vestidas apenas de flores, ou despejavam ar de jarras estilhaçadas. Monstros erguiam-se na erva junto à estrada; dragões negros de ferro com jóias no lugar dos olhos, grifos rugidores, manticoras com as suas caudas de espinhos prontas a atacar e outras bestas de que não conhecia o nome. Algumas das estátuas eram tão belas que lhe roubavam a respiração, outras tão disformes e horríveis que Dany quase não suportava olhá-las. Estas últimas, disse Sor Jorah, tinham provavelmente vindo das Terras das Sombras para lá de Asshai.

— São tantas — disse ela enquanto a sua prata avançava lentamente — e de tantas terras.

Viserys estava menos impressionado.

— O lixo de cidades mortas — disse com desprezo. Teve o cuidado de falar no Idioma Comum, que poucos dothraki compreendiam, mas mesmo assim, Dany deu por si a olhar de relance os homens do seu *khal*, para se assegurar de que não o tinham ouvido. Ele prosseguiu em tom jovial. — Tudo o que estes selvagens sabem fazer é roubar as coisas que homens melhores construíram... e matar. — Soltou uma gargalhada. — Eles sabem *mesmo* como matar. De outro modo não teriam qualquer utilidade para mim.

— Eles agora são o meu povo — disse Dany. — Não lhes devias chamar selvagens, irmão.

— O dragão fala como lhe apetece — disse Viserys... no Idioma Comum. Lançou uma olhadela por cima do ombro a Aggo e Rakharo, que seguiam atrás deles, e concedeu-lhes um sorriso trocista. — Como vês, aos selvagens falta a esperteza para compreender o discurso dos homens civilizados. — Um monólito de pedra desgastado pelo musgo, com quinze metros de altura, erguia-se sobre a estrada. Viserys olhou-o com tédio no olhar. — Quanto tempo teremos de arrastar-nos por entre estas ruínas antes que Drogo me dê o meu exército? Estou a ficar farto de esperar.

— A princesa tem de ser apresentada ao *dosh khaleen*...

— Às feiticeiras, pois — interrompeu o irmão — e vai haver uma pantomima qualquer de profecias por causa do cachorrinho que ela tem na barriga, já mo haveis dito. Que tenho eu com isso? Estou farto de comer carne de cavalo e o fedor destes selvagens deixa-me doente. — Cheirou a larga manga pendente da sua túnica, onde era seu hábito colocar um saché. Não teria ajudado grande coisa. A túnica estava nojenta. Todas as sedas e pesadas lãs que Viserys tinha trazido de Pentos estavam manchadas pela dura viagem e apodrecidas pelo suor.

Sor Jorah Mormont disse:

— O Mercado Ocidental terá alimentos mais do vosso agrado, Vossa Graça. Os mercadores das Cidades Livres vão lá vender os seus produtos. A seu tempo, o *khal* honrará a sua promessa.

— É melhor que o faça — disse Viserys em tom sombrio. — Foi-me prometida uma coroa, e tenciono possuí-la. Ninguém escarnece do dragão. — Ao ver uma obscena imagem de uma mulher com seis seios e cabeça de furão, afastou-se para a inspeccionar mais de perto.

Dany sentiu-se aliviada, mas não menos ansiosa.

— Rezo para que o meu sol-e-estrelas não o deixe à espera por muito tempo — disse a Sor Jorah quando o irmão se afastou o suficiente para não a ouvir.

O cavaleiro olhou duvidoso para Viserys.

— O vosso irmão devia ter esperado em Pentos. Não há lugar para ele num *khalasar*. Illyrio tentou preveni-lo.

— Ele partirá assim que tenha os seus dez mil homens. O senhor meu esposo prometeu uma coroa dourada.

Sor Jorah soltou um grunhido.

— Sim, *Khaleesi*, mas... os dothraki olham para estas coisas de forma diferente de nós, ocidentais. Já lhe disse isso, tal como Illyrio, mas o vosso irmão não escuta. Os senhores dos cavalos não são mercadores. Viserys pensa que vos vendeu, e agora quer receber o seu pagamento. Mas Khal Drogo diria que vos obteve de presente. Sim, dará em troca um presente a Viserys... na altura que escolher. Não se *exige* um presente, em especial a um *khal*. Não se exige nada a um *khal*.

— Não está certo fazê-lo esperar. — Dany não sabia porque estava a defender o irmão, mas estava. — Viserys diz que podia varrer os Sete Reinos com dez mil guerreiros dothraki.

Sor Jorah resfolegou.

— Viserys nem conseguiria varrer um estábulo com dez mil vassouras.

Dany não podia fingir surpresa com o desdém na voz do cavaleiro.

— E se... e se não fosse Viserys? — perguntou. — Se fosse outra pessoa a liderá-los? Alguém mais forte? Poderiam realmente os dothraki conquistar os Sete Reinos?

O rosto de Sor Jorah tomou uma expressão pensativa enquanto os seus cavalos avançavam juntos pelo caminho dos deuses.

— Nos meus primeiros tempos de exílio, olhava para os dothraki e via bárbaros seminus, tão selvagens como os seus cavalos. Se me tivésseis feito essa pergunta nessa época, Princesa, ter-vos-ia dito que mil bons cavaleiros não teriam dificuldade em pôr em debandada cem vezes mais dothraki.

— Mas se vos perguntasse agora?

— Agora — disse o cavaleiro — estou menos seguro. Eles montam melhor a cavalo do que qualquer cavaleiro, são completamente destemidos, e os seus arcos têm maior alcance do que os nossos. Nos Sete Reinos, a maior parte dos arqueiros guerreia a pé, protegida por uma muralha ou por uma barricada de paus aguçados. Os dothraki disparam dos dorsos dos cavalos, em carga ou em retirada, não importa, são tão mortíferos de uma forma como de outra... e há *tantos*, senhora. Só o senhor vosso esposo conta com quarenta mil guerreiros montados no seu *khalasar*.

— Isso é realmente assim tanto?

— O vosso irmão Rhaegar levou esse número de homens para o Tridente — admitiu Sor Jorah — mas os cavaleiros não eram mais do que um décimo. O resto eram arqueiros, cavaleiros livres e soldados apeados, armados de lanças e piques. Quando Rhaegar caiu, muitos deitaram as armas fora e fugiram do campo de batalha. Quanto tempo pensais que uma tal gentilha aguentaria contra a carga de quarenta mil guerreiros, a uivar com sede de sangue? Quão bem os protegeriam os justilhos de couro fervido e as cotas de malha quando as setas caíssem como chuva?

— Não muito tempo — disse ela — e mal.

Ele confirmou com a cabeça.

— Mas notai, Princesa, que se os senhores dos Sete Reinos tiverem a esperteza que os deuses concederam a um ganso, nunca se chegará a esse ponto. Os cavaleiros do mar de erva não apreciam as artes do cerco. Duvido que conseguissem tomar até mesmo o mais fraco dos castelos dos Sete Reinos, mas se Robert Baratheon fosse suficientemente tolo para lhes dar batalha...

— E é? — perguntou Dany. — Um tolo?

Sor Jorah ponderou por um momento.

— Robert devia ter nascido dothraki — disse por fim. — O vosso *khal* dir-vos-ia que só um covarde se esconde atrás de muralhas de pedra em vez de enfrentar o inimigo de espada na mão. O Usurpador concordaria. É um homem forte, bravo... e suficientemente imprudente para defrontar uma horda dothraki em campo aberto. Mas os homens em volta dele, bem, os seus flautistas tocam outra melodia. O irmão Stannis, Lorde Tywin Lannister, Eddard Stark... — Cuspiu.

— Odiais esse Lorde Stark — disse Dany.

— Roubou-me tudo o que amava por causa de uns quantos caçadores furtivos piolhentos e da sua preciosa honra — disse Sor Jorah em tom amargo. Ela compreendeu que a perda ainda lhe doía. O cavaleiro mudou rapidamente de tema. — Ali está — anunciou, apontando. — Vaes Dothrak. A cidade dos senhores dos cavalos.

Khal Drogo e os seus companheiros de sangue levaram-nos através do grande bazar e do Mercado Ocidental, e pelas largas ruas em frente. Dany seguia-os de perto na sua prata, observando a estranheza que a rodeava. Vaes Dothrak era ao mesmo tempo a maior e a mais pequena cidade que já vira. Estimou que devia ser dez vezes maior do que Pentos, uma vastidão sem muralhas nem limites, com largas ruas varridas pelo vento, pavimentadas de erva e lama e atapetadas de flores silvestres. Nas Cidades Livres do Oeste, as torres, as mansões, os casebres, as pontes e as lojas amontoavam-se em cima umas das outras, mas Vaes Dothrak espalhava-se langorosamente, tostando ao calor do Sol, antiga, arrogante e vazia.

Até os edifícios eram muito estranhos aos seus olhos. Viu pavilhões de pedra talhada, mansões de erva entretecida tão grandes como castelos, vacilantes torres de madeira, pirâmides de degraus revestidas de mármore, longos salões abertos ao céu. Em lugar de muros, alguns locais estavam rodeados por sebes espinhosas.

— Nenhum deles é parecido com nenhum outro — disse.

— O vosso irmão tinha parte da verdade — admitiu Sor Jorah. — Os dothraki não constroem. Há mil anos, quando queriam fazer uma casa, escavavam um buraco na terra e cobriam-no com um tecto de erva entretecida. Os edifícios que vedes foram construídos por escravos trazidos para aqui das terras que saquearam, e cada um foi erguido segundo o estilo do respectivo povo.

A maior parte das casas, até as maiores, pareciam desertas.

— Onde estão as pessoas que vivem aqui? — perguntou Dany. O bazar estivera cheio de crianças a correr e homens a gritar, mas fora dele vira apenas alguns eunucos a tratar dos seus assuntos.

— Só as feiticeiras do *dosh khaleen* vivem permanentemente na cidade sagrada, elas e os seus escravos e criados — respondeu Sor Jorah — mas Vaes Dothrak é suficientemente grande para alojar todos os homens de todos os *khalasares*, caso todos os *khals* decidam regressar ao mesmo tempo à Mãe. As feiticeiras profetizaram que um dia isso aconteceria, e, portanto, Vaes Dothrak deve estar pronta para acolher todos os seus filhos.

Khal Drogo fez finalmente alto perto do Mercado Oriental, onde as caravanas vindas de Yi Ti, Asshai e das Terras das Sombras vinham fazer negócio, com a Mãe das Montanhas erguida sobre as suas cabeças. Dany sorriu ao recordar a jovem escrava do Magíster Illyrio e a sua conversa sobre um palácio com duzentos quartos e portas de prata maciça. O “palácio” era um cavernoso salão de festas feito de madeira, cujas paredes de madeira rudemente talhada se elevavam a mais de dez metros de altura, com um tecto de seda cosida, uma vasta tenda ondulada que podia ser montada para afastar as raras chuvas, ou desmontada para acolher o céu sem fim.

Em torno do salão havia grandes pátios para cavalos, cheios de erva, delimitados por sebes altas, covas para fogueiras e centenas de casas redondas de terra que se projectavam do chão como colinas em miniatura, cobertas de erva.

Um pequeno exército de escravos adiantara-se à coluna para realizar os preparativos para a chegada de Khal Drogo. Enquanto os guerreiros saltavam das selas, ele tirou do cinto o *arakh* e entregou-o a um escravo que se encontrava à espera, fazendo o mesmo com as restantes armas que transportava. Nem o próprio Khal Drogo estava isento daquela obrigação. Sor Jorah explicara que em Vaes Dothrak era proibido transportar uma lâmina ou derramar o sangue de um homem livre. Até *khalasares* em guerra punham de lado as suas divergências e partilhavam a comida e a bebida à vista da Mãe das Montanhas. Naquele lugar, segundo o que as feiticeiras do *dosh khaleen* tinham decretado, todos os dothraki eram um só sangue, um só *khalasar*, uma só manada.

Cohollo veio ter com Dani quando Irri e Jhiqui a estavam a ajudar a descer da sua prata. Era o mais velho dos três companheiros de sangue de Drogo, um homem atarracado e calvo com um nariz torcido e uma boca cheia de dentes partidos, estilhaçados por uma maça vinte anos antes, quando salvara o jovem *khalakka* de mercenários que esperavam vendê-lo aos inimigos do pai. A sua vida ficara ligada à de Drogo no dia em que o senhor esposo de Dany nascera.

Todos os *khal*s tinham os seus companheiros de sangue. A princípio Dany pensara neles como uma espécie de Guarda Real Dothraki, sob o juramento de proteger o seu senhor, mas eram mais do que isso. Jhiqui ensinara-lhe que o companheiro de sangue era mais do que um guarda; eram os irmãos do *khal*, as suas sombras, os mais ferozes dos seus amigos. “Sangue do meu sangue”, era como Drogo lhes chamava, e assim era; partilhavam uma só vida. As antigas tradições dos senhores dos cavalos exigiam que quando o *khal* morria, os seus companheiros de sangue morressem com ele, para cavalgar a seu lado nas terras da noite. Se o *khal* morresse às mãos de algum inimigo, viviam apenas o suficiente para o vingar, e então seguiam--no alegremente para a sepultura. Jhiqui dizia que em alguns *khalasares*, os companheiros de sangue partilhavam o vinho do *khal*, a sua tenda, e até as suas esposas, embora nunca os seus cavalos. A montada de um homem era apenas sua.

Daenerys sentia-se feliz por Khal Drogo não aderir a esses costumes antigos. Não teria gostado de ser partilhada. E conquanto o velho Cohollo a tratasse com bastante gentileza, os outros assustavam-na; Haggo, enorme e silencioso, fitava-a com frequência com um ar ameaçador, como se se tivesse esquecido de quem ela era, e Qotho tinha uns olhos cruéis e mãos rápi-

das que gostavam de magoar. Deixava nódoas negras na suave pele branca de Doreah sempre que a tocava, e por vezes deixava Irri a soluçar na noite. Até os seus cavalos pareciam temê-lo.

No entanto, estavam ligados a Drogo para a vida e para a morte, e Daenerys não tinha alternativa a aceitá-los. E por vezes dava por si a desejar que o pai tivesse sido protegido por homens assim. Nas canções, os cavaleiros brancos da Guarda Real eram sempre nobres, valentes e leais, mas o Rei Aerys tinha sido assassinado por um deles, o rapaz bonito a quem chamavam agora Regicida, e um segundo, Sor Barristan, o Ousado, passara para o lado do Usurpador. Gostaria de saber se nos Sete Reinos todos os homens eram assim tão falsos. Quando o seu filho ocupasse o Trono de Ferro, assegurar-se-ia de que teria os seus próprios companheiros de sangue a fim de o proteger contra a traição na Guarda Real.

— *Khaleesi* — disse-lhe Cohollo, em dothraki. — Drogo, sangue do meu sangue, ordena-me que vos diga que ele tem de subir esta noite a Mãe das Montanhas, a fim de sacrificar aos deuses pelo seu regresso em segurança.

Dany sabia que só se permitia aos homens pôr o pé na Mãe. Os companheiros de sangue do *khal* iriam com ele, e regressariam de alvorada.

— Diz ao meu sol-e-estrelas que sonho com ele e espero ansiosa o seu regresso — respondeu ela, agradecida. Dany ia-se cansando mais facilmente à medida que a criança crescia dentro dela; a verdade era que uma noite de descanso seria muito bem-vinda. A gravidez só parecia ter inflamado o desejo de Drogo por ela, e nos últimos tempos os seus abraços deixavam-na exausta.

Doreah levou-a para a colina oca que tinha sido preparada para ela e para o *khal*. Lá dentro fazia frio e estava escuro, como numa tenda feita de terra.

— Jhiqui, um banho por favor — ordenou, para lavar da pele a poeira da viagem e encharcar os seus ossos cansados. Era agradável saber que ficariam ali por algum tempo, que não precisaria de trepar para cima da sua prata quando chegasse a manhã.

A água escaldava, tal como ela gostava.

— Darei esta noite os presentes ao meu irmão — decidiu enquanto Jhiqui lhe lavava o cabelo. — Ele deve parecer um rei na cidade sagrada. Doreah, corre à sua procura, e convida-o a jantar comigo. — Viserys era mais simpático para com a rapariga lisena do que para as suas aias dothraki, talvez porque o Magíster Illyrio o deixara dormir com ela em Pentos. — Irri, vai ao bazar e compra fruta e carne. Qualquer coisa menos carne de cavalo.



— Cavalo é melhor — disse Irri. — Cavalo torna um homem mais forte.

— Viserys detesta carne de cavalo.

— Como quiserdes, *Khaleesi*.

Regressou com um quadril de carneiro e um cesto de fruta e legumes. Jhiqui assou a carne com ervamel e vagem de fogo, untando-a com mel enquanto assava, e havia melões, romãs e ameixas, e uma estranha fruta oriental qualquer que Dany não conhecia. Enquanto as aias preparavam a refeição, Dany desempacotou a roupa que tinha mandado fazer à medida do irmão: uma túnica e uns calções de fresco linho branco, sandálias de couro atadas no joelho, um cinto com medalhão de bronze, um colete de couro pintado com dragões que respiravam fogo. Esperava que os dothraki o respeitassem mais se se parecesse menos com um pedinte, e talvez a perdoasse por o ter envergonhado naquele dia na erva. Afinal de contas, ainda era o seu rei e o seu irmão. Eram ambos sangue do dragão.

Estava a preparar o último dos seus presentes — um manto de sedareia, verde como a erva, com um debrum cinzento-claro que realçaria o prateado do seu cabelo — quando Viserys chegou, arrastando Doreah pelo braço. O olho da rapariga estava vermelho onde ele lhe batera.

— Como te *atreves* a enviar esta rameira para me dar ordens? — disse. Atirou rudemente a aia ao tapete.

A ira apanhou Dany completamente de surpresa.

— Só quis... Doreah, que lhe disseste?

— *Khaleesi*, mil desculpas, perdoai-me. Fui ter com ele, como me pedistes, e disse-lhe que mandáveis que se vos juntasse para o jantar.

— Ninguém manda no dragão — rosnou Viserys. — *Eu sou o teu rei!* Devia ter-te devolvido a cabeça dela!

A jovem lisena vacilou, mas Dany acalmou-a com um toque.

— Não tenhas medo, ele não te fará mal. Querido irmão, por favor, perdoai-lhe, a rapariga confundiu-se nas palavras, disse-lhe para vos *pedir* que vos juntásseis a mim para o jantar, se isso for do agrado de Vossa Graça. — Pegou-lhe na mão e fê-lo atravessar o quarto. — Olhai. Isto é para vós.

Viserys franziu o sobrolho, cheio de suspeitas.

— Que é tudo isto?

— Vestuário novo. Mandei-o fazer para vós. — Dany sorriu timidamente.

Ele olhou-a e escarneceu.

— Trapos dothraki. Agora *atreves-te* a vestir-me?

— Por favor... ficareis mais fresco e confortável, e pensei... talvez que se vos vestísseis como eles, os dothraki... — Dany não sabia como dizer o que pretendia sem lhe acordar o dragão.

— A seguir hás-de querer entrançar-me o cabelo.

— Eu nunca... — Porque era ele sempre tão cruel? Ela só quisera ajudar. — Não tendes direito a uma trança, ainda não haveis obtido nenhuma vitória.

Foi a coisa errada a dizer. A fúria brilhou nos seus olhos lilases, mas não se atreveu a bater-lhe com as aias a observar e os guerreiros do seu *khas* à porta. Viserys apanhou o manto e cheirou-o.

— Isto fede a estrume. Talvez o use como coberta para o cavalo.

— Mandei que Doreah o cosesse especialmente para vós — disse-lhe ela, ferida. — Isto são roupas dignas de um *khal*.

— Eu sou o Senhor dos Sete Reinos, não um selvagem manchado pela erva e com campainhas no cabelo — atirou-lhe Viserys. Agarrou-lhe o braço. — Esqueces quem és, sua puta. Achas que aquele barrigudo te protegerá se acordares o dragão?

Os dedos dele enterraram-se dolorosamente no seu braço, e por um instante, Dany sentiu-se de novo criança, a vacilar perante a sua raiva. Estendeu a outra mão e agarrou na primeira coisa em que tocou, o cinto que esperara oferecer-lhe, uma pesada corrente de medalhões ornamentados de bronze. Brandiu-o com toda a sua força.

Atingiu-o em cheio na cara. Viserys largou-a. Sangue correu da sua bochecha, onde a aresta de um dos medalhões a cortou.

— És tu quem se esquece de quem é — disse-lhe ela. — Não aprendeste *nada* naquele dia na erva? Sai daqui imediatamente, antes que chame o meu *khas* para te arrastar para a rua. E reza para que Khal Drogo não ouça falar disto, porque se ouvir, abrir-te-á a barriga e dar-te-á a comer as tuas próprias entranhas.

Viserys pôs-se em pé atabalhoadamente.

— Quando ganhar o meu reino, lamentarás este dia, puta. — E saiu, agarrado à cara ferida, deixando os presentes para trás.

Gotas do seu sangue tinham borrifado o belo manto de sedareia. Dany encostou o suave tecido à cara e sentou-se de pernas cruzadas sobre as esteiras de dormir.

— O vosso jantar está pronto, *Khaleesi* — anunciou Jhiqui.

— Não tenho fome — disse Dany em voz triste. Ficara subitamente muito cansada. — Dividi a comida entre vós, e enviai alguma a Sor Jorah, por favor. — Após um momento, acrescentou: — Por favor, alguém que me traga um dos ovos de dragão.

Irri foi buscar o ovo com a casca de um profundo tom de verde, que mostrava salpicos de bronze entre as escamas quando o virava nas suas pequenas mãos. Dany enrolou-se de lado, puxando o manto de sedareia sobre o corpo e aninhando o ovo no espaço entre a sua barriga inchada e os pe-

quenos e tenros seios. Gostava de pegar neles. Eram tão belos, e por vezes o simples facto de estar junto deles fazia-a sentir-se mais forte, mais corajosa, como se de alguma forma retirasse força dos dragões de pedra encerrados lá dentro.

Estava ali deitada, agarrada ao ovo, quando sentiu o bebé mover-se na sua barriga... como se estivesse a estender uma mão, irmão para irmão, sangue para sangue.

— És *tu* o dragão — segredou Dany para o filho —, o dragão *verdadeiro*. Eu sei. Eu sei. — Sorriu, e adormeceu sonhando com a terra natal.

## BRAN

Caía uma neve ligeira. Bran conseguia sentir os flocos no rosto, derretendo quando lhe tocavam a pele como a mais leve das chuvas. Endireitou-se em cima do cavalo, observando a porta levadiça a ser içada. Esforçando-se o mais possível por permanecer calmo, o coração palpitava-lhe no peito.

— Estamos prontos? — perguntou Robb.

Bran acenou, tentando não mostrar o medo que sentia. Não estivera fora de Winterfell desde a queda, mas estava determinado a sair com tanto orgulho como qualquer cavaleiro.

— Então vamos. — Robb encostou os calcanhares ao seu grande castrado cinzento e branco, e o cavalo avançou a passo sob a porta levadiça.

— Vai — sussurrou Bran ao seu cavalo. Tocou-lhe levemente o pescoço e a pequena potra castanha avançou. Bran chamara-lhe Dançarina. Tinha dois anos, e Joseth dizia que era mais inteligente do que um cavalo tinha direito a ser. Tinham-lhe dado um treino especial para responder às rédeas, à voz e ao toque. Até àquele momento, Bran só a montara no pátio. A princípio, Joseth ou Hodor levavam-na à mão, enquanto Bran se sentava no seu dorso amarrado à grande sela que o Duende tinha desenhado para ele, mas na última quinzena montara-a sozinho, fazendo-a trotar, às voltas, tornando-se mais ousado a cada circuito.

Passaram sob a porta levadiça, sobre a ponte levadiça, através das muralhas exteriores. Verão e Vento Cinzento vinham aos saltos ao lado deles, farejando o vento. Logo atrás vinha Theon Greyjoy, com o seu arco e uma aljava cheia de setas de ponta larga; segundo lhes dissera, tinha em mente o abate de um veado. Era seguido por quatro guardas revestidos de cota de malha na cabeça e tronco, e por Joseth, um moço de cavaliça magro como um espeto que Robb nomeara mestre dos cavalos enquanto Hullen estava longe. O Mestre Luwin ocupava a retaguarda, montado num burro. Bran teria preferido se ele e Robb tivessem saído sozinhos, só os dois, mas Hal Mollen nem quisera ouvir falar dessa ideia, e o Mestre Luwin apoiara-o. Se Bran caísse do cavalo ou se ferisse, o Mestre estava determinado a estar junto dele.

À porta do castelo ficava a praça do mercado, cujas barracas de madeira se encontravam agora desertas. Avançaram pelas ruas lamacentas da aldeia, passando por fileiras de pequenas casas bem arranjadas feitas de troncos e pedra nua. Menos de uma em cinco estavam ocupadas, com finas

gavinhas de fumo a enrolar-se sobre as suas chaminés. As outras encher-se-iam, uma a uma, à medida que fosse ficando mais frio. Quando a neve caísse e os ventos gelados uivassem do norte, dizia a Velha Ama, os agricultores deixariam os seus campos congelados e castros distantes, carregariam as suas carroças, e então a Vila de Inverno ganharia vida. Bran nunca o vira, mas o Mestre Luwin dizia que esse dia se aproximava. O fim do longo Verão estava próximo. *O Inverno está a chegar.*

Alguns aldeões seguiram ansiosamente os lobos gigantes com os olhos enquanto os cavaleiros passavam por eles, e um homem deixou cair a lenha que transportava, fugindo com medo, mas a maior parte das gentes da terra já se habituara àquele panorama. Dobravam o joelho ao ver os rapazes, e Robb saudava cada um com um aceno senhorial.

Com as pernas incapazes de apertar, o movimento oscilante do cavalo fez a princípio com que Bran se sentisse instável, mas a enorme sela com o seu grosso arção dianteiro e o elevado apoio de costas atrás embalava-o confortavelmente, e as presilhas em torno do seu peito e coxas não lhe permitiriam que caísse. Após algum tempo, o ritmo começou a parecer quase natural. A ansiedade desvaneceu-se, e um sorriso trémulo nasceu-lhe no rosto.

Duas raparigas de servir estavam paradas sob o letreiro do Tronco Fumegante, a cervejaria da aldeia. Quando Theon Greyjoy as chamou, a rapariga mais nova ficou toda vermelha e cobriu a cara. Theon esporeou a montada para se pôr ao lado de Robb.

— Doce Kyra — disse, com uma gargalhada. — Contorce-se como uma doninha na cama, mas basta dizer-lhe uma palavra na rua para ficar cor-de-rosa como uma donzela. Já te falei daquela noite em que ela e Besa...

— Aqui onde o meu irmão pode ouvir não, Theon — preveniu Robb olhando para Bran de relance.

Bran afastou o olhar e fingiu não ter ouvido, mas podia sentir os olhos de Greyjoy postos nele. Estaria sem dúvida a sorrir. Sorria muito, como se o mundo fosse uma piada secreta que só ele era suficientemente inteligente para compreender. Robb parecia admirar Theon e gostar da sua companhia, mas Bran nunca simpatizara com o protegido do pai.

Robb aproximou-se.

— Estás a ir bem, Bran.

— Quero ir mais depressa — respondeu Bran.

Robb sorriu.

— Como queiras. — Pôs o castrado a trote. Os lobos correram atrás dele. Bran agitou bruscamente as rédeas, e Dançarina estugou o passo. Ouviu um grito de Theon Greyjoy e os cascos dos outros cavalos atrás dele.

O manto de Bran enfunou-se, ondulando ao vento, e a neve pareceu correr de encontro à sua cara. Robb estava bem adiantado, lançando relances ocasionais por sobre o ombro a fim de se assegurar de que Bran e os outros o seguiam. Bran voltou a sacudir as rédeas. Suave como seda, a Dançarina pôs-se a galope. A distância diminuiu. Quando alcançou Robb no limiar da Mata de Lobos, a duas milhas da Vila de Inverno, tinham deixado os outros muito para trás.

— *Posso montar!* — gritou Bran, sorrindo. Era quase tão bom como voar.

— Eu faria uma corrida contigo, mas temo que possas ganhar. — O tom de Robb era ligeiro e brincalhão, mas Bran viu sob o sorriso do irmão que alguma coisa o perturbava.

— Não quero corridas. — Bran olhou em volta à procura dos lobos gigantes. Tinham ambos desaparecido na floresta. — Ouviste o Verão a uivar ontem à noite?

— O Vento Cinzento também estava inquieto — disse Robb. Tinha o seu cabelo ruivo hirsuto e despenteado, e uma barba avermelhada cobria-lhe o queixo, fazendo-o parecer ter mais do que os seus quinze anos. — Às vezes penso que eles sabem coisas... que sentem coisas... — Robb suspirou. — Nunca sei bem quanto te diga, Bran. Gostava que fosses mais velho.

— Já tenho oito anos! — disse Bran. — Oito não é muito mais novo do que quinze, e sou o herdeiro de Winterfell, depois de ti.

— Pois és. — Robb parecia triste, e até um pouco assustado. — Bran, preciso de te contar uma coisa. Chegou uma ave ontem à noite. De Porto Real. O Mestre Luwin acordou-me.

Bran sentiu um temor súbito. *Asas escuras, palavras escuras*, dizia sempre a Velha Ama, e nos últimos tempos os corvos mensageiros tinham vindo a provar a verdade do provérbio. Quando Robb escrevera ao Senhor Comandante da Patrulha da Noite, a ave que regressou trouxe a notícia de que o Tio Benjen continuava desaparecido. Depois chegara uma mensagem do Ninho de Águia, da mãe, mas também não trazia boas notícias. Ela não dizia quando tencionava regressar, dizia apenas que tomara o Duende prisioneiro. Bran de certo modo simpatizara com o homenzinho, mas o nome Lannister punha-lhe dedos frios a passear pela espinha. Havia algo acerca dos Lannister, algo de que se devia lembrar, mas quando tentava pensar no quê, sentia-se tonto e o estômago ficava-lhe duro como pedra. Robb passara a maior parte desse dia trancado com o Mestre Luwin, Theon Greyjoy e Hallis Mollen. Depois, cavaleiros partiram em cavalos rápidos, levando as ordens de Robb a todo o Norte. Bran ouviu falar de Fosso Cailin, a antiga fortaleza que os Primeiros Homens tinham construído no topo da Gargan-

ta. Ninguém chegara a dizer-lhe o que se passava, mas sabia que não era boa coisa.

E agora outro corvo, outra mensagem. Bran agarrou-se à esperança.

— Era a ave da Mãe? Ela vai voltar para casa?

— A mensagem é de Alyn, em Porto Real. Jory Cassel está morto. E Wyl e Heward também. Assassinados pelo Regicida. — Robb levantou o rosto para a neve, e os flocos derreteram nas suas bochechas. — Que os deuses lhes dêem descanso.

Bran não soube o que dizer. Sentia-se como se tivesse levado um murro. Jory era capitão da guarda doméstica de Winterfell desde antes de Bran nascer.

— Mataram Jory? — Lembrou-se de todas as vezes que Jory o perseguiu pelos telhados. Via-o a caminhar pelo pátio, em passos largos, vestido de cota de malha e armadura, ou sentado no seu lugar do costume no banco do Salão Grande, gracejando enquanto comia. — Porque haveria alguém de matar Jory?

Robb abanou a cabeça com um ar entorpecido e uma clara dor nos olhos.

— Não sei, e... Bran, isso não é o pior. O pai foi apanhado debaixo de um cavalo que caiu na luta. Alyn diz que ficou com a perna desfeita e... o Mestre Pycelle deu-lhe o leite da papoila, mas não têm a certeza de quando é que... quando é que ele... — O som de cascos fê-lo deitar um relance pela estrada, para onde Theon e os outros se aproximavam. — Quando é que ele vai acordar — concluiu. Pousou então a mão no punho da espada e prosseguiu na voz solene de Robb, o Senhor. — Bran, prometo-te, aconteça o que acontecer, não deixarei que isto seja esquecido.

Algo no seu tom fez com que Bran ficasse ainda com mais medo.

— Que vais fazer? — perguntou quando Theon Greyjoy refreava o seu cavalo ao lado deles.

— Theon pensa que devo chamar os vassalos — disse Robb.

— Sangue por sangue. — Por uma vez, Greyjoy não sorria. O seu rosto magro e escuro tomara um aspecto faminto, e cabelo negro caíra-lhe sobre os olhos.

— Só o senhor pode chamar os vassalos — disse Bran enquanto a neve caía lentamente em redor do grupo.

— Se o vosso pai morrer — disse Theon —, Robb será o Senhor de Winterfell.

— Ele *não* morrerá! — gritou-lhe Bran.

Robb tomou-lhe a mão.

— Ele não morrerá, o pai não morrerá — disse ele calmamente. — Mesmo assim... a honra do Norte está agora nas minhas mãos. Quando

o senhor nosso pai se afastou de nós, disse-me para ser forte por ti e por Rickon. Sou quase um homem feito, Bran.

Bran estremeceu.

— Gostava que a mãe estivesse de volta — disse, com ar infeliz. Olhou em volta à procura do Mestre Luwin; via-se o seu burro muito ao longe, a trotar sobre uma colina. — O Mestre Luwin também diz para chamares os vassallos?

— O Mestre é tímido como uma velha — disse Theon.

— O pai sempre lhe escutou os conselhos — recordou Bran ao irmão. — E a mãe também.

— Eu escuto-o — insistiu Robb. — Eu escuto toda a gente.

A alegria que Bran sentira com a cavalgada tinha desaparecido, derretida como os flocos de neve no seu rosto. Não muito tempo antes, a ideia de Robb chamar os vassallos e partir para a guerra tê-lo-ia enchido de excitação, mas agora sentia apenas terror.

— Podemos regressar? — perguntou. — Sinto frio.

Robb olhou em volta.

— Temos de encontrar os lobos. Podes continuar um pouco mais?

— Posso continuar tanto como tu. — O Mestre Luwin avisara-o de que devia montar durante pouco tempo, temendo assaduras provocadas pela sela, mas Bran não admitiria a sua fraqueza em frente do irmão. Estava farto do modo como toda a gente andava sempre à sua volta a perguntar como se sentia.

— Vamos então à caça dos caçadores — disse Robb. Lado a lado, incitaram as montadas a sair da Estrada do Rei e a entrar na Mata de Lobos. Theon deixou-se ficar para trás, e seguiu-os muito depois, conversando e gracejando com os guardas.

Estava agradável sob as árvores. Bran manteve a Dançarina a passo, segurando as rédeas com ligeireza e olhando em redor enquanto avançavam. Conhecia aquela floresta, mas tinha estado tanto tempo confinado a Winterfell que era como se a estivesse a ver pela primeira vez. Os cheiros enchiam-lhe as narinas; o cheiro forte, penetrante e fresco das agulhas de pinheiro, o odor a terra de folhas húmidas a apodrecer, os vestígios do cheiro animal a almíscar e dos fogos das cozinhas distantes. Viu de relance um esquilo negro que se movia entre os ramos cobertos de neve de um carvalho, e parou para estudar a teia prateada de uma aranha imperatriz.

Theon e os outros ficaram cada vez mais para trás, até que Bran deixou de lhes conseguir ouvir as vozes. De adiante chegou-lhe o ténue som de águas correntes. Foi ficando mais alto até chegarem ao ribeiro. Lágrimas arderam-lhe nos olhos.

— Bran? — perguntou Robb. — Que se passa?



Bran abanou a cabeça.

— Estava só a lembrar-me — disse ele. — Jory trouxe-nos uma vez aqui para pescar trutas. A ti, a mim e a Jon. Lembras-te?

— Lembro — disse Robb, com a voz baixa e triste.

— Eu não apanhei nada — disse Bran — mas Jon deu-me o peixe dele no caminho de regresso a Winterfell. Vamos voltar a ver o Jon?

— Vimos o Tio Benjen quando o rei veio de visita — salientou Robb. — Jon também nos visitará, vais ver.

O ribeiro corria cheio e rápido. Robb desmontou e levou o seu castrado a atravessar o vau. Na parte mais profunda da travessia, a água chegava-lhe a meio das coxas. Amarrou o cavalo a uma árvore, do outro lado, e regressou para vir buscar Bran e a Dançarina. A corrente espumava em torno das rochas e das pernas, e Bran conseguia sentir os salpicos no rosto enquanto Robb o levava pelo riacho. Isso fê-lo sorrir. Por um momento, voltou a sentir-se forte e inteiro. Olhou para as árvores e sonhou trepá-las, mesmo até às copas, com toda a floresta estendida abaixo.

Tinham já chegado ao outro lado do ribeiro quando ouviram o uivo, um longo lamento que se erguia por entre as árvores como um vento frio. Bran ergueu a cabeça para escutar.

— O Verão — disse. E assim que o disse, uma segunda voz juntou-se à primeira.

— Mataram qualquer coisa — disse Robb enquanto voltava a montar. — É melhor que eu vá buscá-los de volta. Espera aqui, que Theon e os outros devem estar a chegar.

— Quero ir contigo — disse Bran.

— Eu encontro-os mais depressa sozinho. — Robb esporeou o seu castrado e desapareceu por entre as árvores.

Depois de o irmão partir, as árvores pareceram apertar-se em redor de Bran. A neve caía agora com mais força. Onde tocava o solo, derretia, mas, por todo o lado, pedras, raízes e ramos estavam cobertos por um fino manto branco. Enquanto esperava, estava consciente de como se sentia desconfortável. Não sentia as pernas, que pendiam, inúteis, nos estribos, mas a presilha que lhe rodeava o peito estava apertada e provocava-lhe escoriações, e a neve que derretia tinha-se-lhe infiltrado nas luvas e gelava-lhe as mãos. Perguntou a si próprio o que demorava Theon, o Mestre Luwin, Joseth e os outros.

Quando ouviu o restolhar de folhas, Bran usou as rédeas para fazer a Dançarina virar-se, esperando ver os amigos, mas os homens esfarrapados que saíram para a margem do ribeiro eram-lhe estranhos.

— Bons-dias para vós — disse ele nervosamente. Bastou uma olhada para Bran compreender que os homens não eram lenhadores nem

agricultores. Ficou de súbito consciente da riqueza das roupas que envergava. Tinha uma capa nova, de lã cinzenta-escura com botões de prata, e um pesado alfinete de prata segurava nos ombros o manto forrado de peles. As suas botas e luvas também eram forradas de peles.

— Então ‘tás sozinho, hã? — disse o maior dos homens, um careca com uma cara rude, queimada pelo vento. — Perdido na Mata de Lobos, pobre rapaz.

— Não estou perdido. — Bran não gostava da maneira como os estranhos o olhavam. Contou quatro, mas quando virou a cabeça, viu outros dois atrás dele. — O meu irmão afastou-se há um momento, e a minha guarda estará aqui em breve.

— A tua guarda, hã? — disse um segundo homem. Uma barba cinzenta cobria a sua cara magra. — E que é que ela guarda, senhorzinho? Isso que vejo no teu manto é um alfinete de prata?

— Bonito — disse uma voz de mulher. Pouco se parecia com uma mulher; era alta e esguia, com a mesma cara dura dos outros, e tinha o cabelo escondido por baixo de um meio elmo em forma de tigela. A lança que segurava era feita de dois metros e meio de carvalho negro, com uma ponta de aço ferrugento.

— Vamos lá ver — disse o grande homem careca.

Bran observou-o ansiosamente. A roupa do homem estava imunda, quase desfeita em bocados, remendada aqui de castanho, ali de azul e acolá de verde-escuro, e por todo o lado desbotada até ficar cinzenta, mas em tempos aquele manto podia ter sido negro. Apercebeu-se com um súbito sobressalto de que o homem atarracado e grisalho também usava farrapos negros. De súbito, Bran lembrou-se do desertor que o pai decapitara no dia em que tinham encontrado os cachorros de lobo; esse homem também usara negro, e o pai dissera que era um desertor da Patrulha da Noite. *Ninguém pode ser mais perigoso, lembrou-se ele de ouvir o Lorde Eddard a dizer. O desertor sabe que a sua vida está perdida se for capturado, e por isso não vacilará perante nenhum crime, por mais vil ou cruel que ele seja.*

— O alfinete, rapaz — disse o homem grande. E estendeu a mão.

— Vamos também ficar com o cavalo — disse uma mulher mais pequena que Robb, com uma cara larga e achatada e um cabelo corredio e amarelo. — Desce, e depressa. — Uma faca, com o gume irregular como uma serra, deslizou-lhe para a mão de dentro da manga.

— Não — proferiu Bran. — Eu não posso...

O homem grande agarrou-lhe nas rédeas antes que Bran pudesse pensar em fazer a Dançarina rodopiar e galopar para longe.

— Podes pois, senhorzinho... e é o que vais fazer, se souberes o que é bom para ti.

— Stiv, olha como ele está atado. — A mulher alta apontou com a lança. — Isso que ele diz pode ser a verdade.

— Com que então presilhas, hã? — disse Stiv. Tirou um punhal de uma bainha que trazia ao cinto. — Há maneiras de lidar com presilhas.

— És alguma espécie de aleijado? — perguntou a mulher baixa.

Bran inflamou-se.

— Sou Brandon Stark de Winterfell, e é melhor que largues o meu cavalo, ou farei com que sejam todos mortos.

O homem magro com a barba cinzenta riu.

— O rapaz é um Stark, não há dúvida. Só um Stark seria suficientemente pateta para fazer ameaças onde homens mais inteligentes suplicariam.

— Corta-lhe a pichinha e espeta-lha na boca — sugeriu a mulher baixa. — Isso deve calá-lo.

— És tão estúpida como feia, Hali — disse a mulher alta. — O rapaz não serve de nada morto; agora vivo... malditos sejam os deuses, pensem no que o Mance daria para ter como refém o próprio sangue de Benjen Stark!

— Que o Mance se dane — praguejou o homem grande. — Queres voltar para lá, Osha? Mais parva és. Achas que os caminhantes brancos se importam se tens um refém? — Virou-se para Bran e golpeou a presilha que lhe rodeava a coxa. O couro rompeu-se com um suspiro.

O golpe foi rápido e descuidado, cortando profundamente. Olhando para baixo, Bran viu de relance a pele clara onde a lã dos seus calções se rompera. Então, o sangue começou a fluir. Observou a mancha vermelha a espalhar-se, sentindo-se tonto, curiosamente distante; não tinha havido dor, nem mesmo uma ligeira sensação de tacto. O homem grande grunhiu de surpresa.

— Deponham as armas neste momento, e prometo-vos uma morte rápida e indolor — gritou Robb.

Bran ergueu o olhar com uma esperança desesperada, e ali estava ele. A força das palavras era diminuída pela maneira como a sua voz soava quebrada de tensão. Estava montado, com a carcaça sangrenta de um alce depositada sobre a garupa do cavalo, e com a espada na mão enluvada.

— O irmão — disse o homem com a barba cinzenta.

— É um tipo feroz, oh se é — troçou a mulher baixa, aquela a quem chamavam Hali. — Pretendes lutar com a gente, rapaz?

— Não sejas tonto, miúdo. És um contra seis. — A mulher alta, Osha, baixou a lança. — Salta do cavalo, e atira a espada ao chão. Agradecer-te-emos delicadamente pela montada e pelo veado, e tu e o teu irmão podem seguir caminho.

Robb assobiou. Ouviram o ténue som de patas suaves sobre folhas húmidas. A vegetação rasteira abriu-se, ramos baixos deixaram cair a sua neve acumulada, e Vento Cinzento e Verão emergiram da verdura. Verão farejou o ar e rosnou.

— Lobos — arfou Hali.

— Lobos gigantes — disse Bran. Ainda com metade do tamanho de adultos, eram tão grandes como qualquer lobo que já tivesse visto, mas era fácil detectar as diferenças, se se soubesse o que procurar. O Mestre Luwin e Farlen, o mestre dos canis, tinham-lhe ensinado. Um lobo gigante tinha uma cabeça maior e patas mais compridas em proporção com o corpo, e o seu focinho era marcadamente mais estreito e pronunciado. Havia algo neles de lúgubre e terrível, ali parados por entre a neve que caía lentamente. Sangue fresco pintalgava o focinho de Vento Cinzento.

— Cães — disse o homem grande e careca com desprezo. — E houve quem me dissesse que não há nada como um manto de pele de lobo para aquecer um homem à noite. — Fez um gesto brusco. — Apanhem-nos.

Robb gritou “*Winterfell!*” e esporeou o cavalo. O castrado mergulhou pela margem do ribeiro ao mesmo tempo que os homens esfarrapados se aproximavam. Um homem com um machado correu contra ele, a gritar e sem prudência. A espada de Robb apanhou-o em cheio na cara com um nauseante *crunch* e um borriфо de sangue brilhante. O homem com a cara magra e a barba cinzenta estendeu a mão para agarrar as rédeas, e conseguiu agarrá-las durante meio segundo... mas então Vento Cinzento saltou sobre ele, desequilibrando-o. Caiu de costas ao ribeiro com um chapão e um grito, brandindo loucamente a faca quando a cabeça submergiu. O lobo gigante mergulhou atrás dele, e a água branca tornou-se vermelha no sítio onde os dois desapareceram.

Robb e Osha trocavam golpes no meio do ribeiro. A longa lança dela era uma serpente de cabeça de aço que atacava o peito dele, uma, duas, três vezes, mas Robb parava cada estocada com a espada, desviando a ponta para o lado. À quarta ou quinta estocada, a mulher alta fez um movimento demasiado largo e perdeu o equilíbrio, só por um segundo. Robb carregou, derrubando-a.

A pouca distância, Verão surgiu como um relâmpago e mordeu Hali. A faca caiu-lhe sobre o flanco. Verão esquivou-se, rosnando, e voltou a atacar. Daquela vez, as suas mandíbulas fecharam-se em volta da barriga da perna da pequena mulher. Segurando a faca com ambas as mãos, ela tentou apunhalá-lo, mas o lobo selvagem pareceu pressentir a lâmina. Libertou-se por um instante, com a boca cheia de couro, tecido e carne ensanguentada. Quando Hali tropeçou e caiu, atacou-a de novo, atirando-a para trás, com os dentes a rasgar-lhe a barriga.

O sexto homem fugiu da carnificina... mas não foi longe. Enquanto trepava de mãos e pés a margem mais distante do ribeiro, Vento Cinzento emergiu da água, a pingar. Sacudiu-se e saltou sobre o homem que fugia, jarretando-o com uma única dentada e atirando-se-lhe à garganta quando o homem deslizou, aos gritos, de volta para a água.

E então restou apenas o homem grande, Stiv. Golpeou a presilha de peito de Bran, agarrou-lhe no braço e puxou. De súbito, Bran caía. Estateou-se no chão, com as pernas enlaçadas debaixo do corpo e um pé dentro do ribeiro. Não conseguia sentir o frio da água, mas sentiu o aço quando Stiv lhe encostou o punhal à garganta.

— Afasta-te — preveniu o homem — ou juro que abro a traqueia ao rapaz.

Robb puxou as rédeas ao cavalo, respirando com força. A fúria desapareceu-lhe dos olhos e o braço que segurava a espada caiu.

Nesse momento, Bran viu tudo. Verão estava a atacar ferozmente Hali, puxando reluzentes serpentes azuis da sua barriga. Os olhos dela estavam muito abertos e não se moviam. Bran não sabia dizer se a mulher estava viva ou morta. O atarracado homem grisalho e o do machado jaziam, imóveis, mas Osha estava de joelhos, rastejando em direcção à sua lança caída. Vento Cinzento caminhou na sua direcção, com o pêlo encharcado, a pingar.

— Chama-o! — gritou o homem grande. — Chama-os aos dois, ou o aleijado morre agora mesmo!

— Vento Cinzento, Verão, aqui — disse Robb.

Os lobos gigantes pararam, viraram as cabeças. Vento Cinzento saltou para junto de Robb. Verão ficou onde estava, com os olhos fitos em Bran e no homem a seu lado. Rosnou. Tinha o focinho molhado e vermelho, mas os seus olhos ardiam.

Osha usou a base da lança como apoio para se pôr de pé. Jorrava sangue de uma ferida no braço, onde Robb a golpeará. Bran conseguia ver o suor que escorria pela cara do homem grande. Compreendeu que Stiv estava tão assustado como ele.

— Stark — murmurou o homem —, malditos Stark. — Levantou a voz. — Osha, mata os lobos e apanha a espada dele.

— Mata-os tu — respondeu ela. — Eu não me chego perto desses monstros.

Por um momento, Stiv sentiu-se perdido. A sua mão tremeu; Bran sentiu um fio de sangue onde a faca fazia pressão contra o seu pescoço. O fedor do homem enchia-lhe as narinas; cheirava a medo.

— Tu — gritou a Robb. — Tens um nome?

— Sou Robb Stark, herdeiro de Winterfell.

— Este é o teu irmão?

— Sim.

— Se o quiseres vivo, faz o que eu digo. Salta do cavalo.

Robb hesitou por um momento. Então, lenta e deliberadamente, desmontou e virou-se para o homem, de espada na mão.

— Agora mata os lobos.

Robb não se moveu.

— Faz o que eu digo. Os lobos ou o rapaz.

— *Não!* — gritou Bran. Se Robb fizesse o que ele pedia, Stiv matá-los--ia a ambos na mesma, depois dos lobos mortos.

O careca agarrou-lhe no cabelo com a mão livre e puxou-o cruelmente, até Bran soluçar de dor.

— Tu cala essa boca, aleijado, estás a ouvir? — Puxou com mais força. — *Estás a ouvir?*

Um *drum* baixo veio das árvores atrás deles. Stiv soltou um arquejo chocado quando quinze centímetros de uma seta de ponta larga lhe explodiram de súbito no peito. A seta era vermelha viva, como se tivesse sido pintada com sangue.

O punhal caiu da garganta de Bran. O homem grande cambaleou e caiu ao ribeiro de barriga para baixo. A seta partiu-se sob o seu corpo. Bran viu a sua vida a fugir, aos redemoinhos, pela água abaixo.

Osha olhou em volta quando os guardas do pai surgiram de entre as árvores, de armas na mão. Deixou cair a lança.

— Misericórdia, s'nhor — gritou para Robb.

Os guardas tinham uma expressão estranha, pálida, no rosto ao olharem aquela cena de morticínio. Olhavam para os lobos, inseguros, e quando Verão regressou para junto do cadáver de Hali para comer, Joseth deixou cair a faca e precipitou-se para as árvores, a vomitar. Até o Mestre Luwin pareceu chocado ao surgir de trás de uma árvore, mas só por um instante. Então abanou a cabeça e atravessou o ribeiro até junto de Bran.

— Estais ferido?

— Ele cortou-me a perna — disse Bran — mas eu não senti nada.

Enquanto o Mestre se ajoelhava para examinar a ferida, Bran virou a cabeça. Theon Greyjoy estava ao lado de uma árvore-sentinela, de arco na mão. Estava a sorrir. Sempre a sorrir. Meia dúzia de setas encontravam-se espetadas no chão macio aos seus pés, mas só precisara de uma.

— Um inimigo morto é uma beleza — anunciou.

— O Jon sempre disse que eras um asno, Greyjoy — disse Robb em voz alta. — Devia acorrentar-te no pátio e deixar Bran praticar um pouco com o arco *contigo*.

— Devias agradecer-me por ter salvado a vida do teu irmão.

— E se tivesses falhado o tiro? — disse Robb. — E se só o tivesses ferido? E se tivesses feito a sua mão saltar ou ferido Bran em vez dele? Tanto quanto sabias, o homem podia estar a usar uma placa de peito, porque tudo o que conseguias ver era a parte de trás do seu manto. Que teria acontecido então ao meu irmão? Chegaste a pensar *nisso*, Greyjoy?

O sorriso de Theon desaparecera. Encolheu os ombros, carrancudo, e começou a arrancar as setas do chão, uma a uma.

Robb olhou então para os guardas.

— Onde estavam vocês? — exigiu saber. — Eu tinha a certeza de que vinham logo atrás de nós.

Os homens trocaram relances infelizes.

— Nós seguíamos-vos, s'nhor — disse Quent, o mais novo, cuja barba não passava de uma suave penugem castanha. — Só que primeiro esperámos pelo Mestre Luwin e pelo seu asno, com a vossa licença, e depois, bem, aconteceu que... — Deitou uma olhadela a Theon e desviou rapidamente o olhar, envergonhado.

— Eu vi um peru — disse Theon, aborrecido pela pergunta. — Como haveria de saber que o ias deixar sozinho?

Robb virou a cabeça para voltar a olhar para Theon. Bran nunca o vira tão zangado, mas não disse nada. Finalmente, ajoelhou ao lado do Mestre Luwin.

— Qual é a gravidade da ferida do meu irmão?

— Não passa de um arranhão — disse o Mestre. Molhou um pano no ribeiro para limpar o golpe. — Dois deles vestem de negro — disse a Robb enquanto trabalhava.

Robb lançou uma olhadela para onde Stiv jazia, estatelado no ribeiro, com o esfarrapado manto negro a mover-se irregularmente, puxado pela corrente.

— Desertores da Patrulha da Noite — disse em tom sombrio. — Deviam ter sido loucos por vir para tão perto de Winterfell.

— A loucura e o desespero são muitas vezes difíceis de distinguir — disse o Mestre Luwin.

— Enterramo-los, s'nhor? — perguntou Quent.

— Eles não nos teriam enterrado — disse Robb. — Corta-lhes as cabeças, vamos mandá-las de volta para a Muralha. Deixa o resto para os corvos.

— E esta? — Quent sacudiu um polegar na direcção de Osha.

Robb aproximou-se dela. Era uma cabeça mais alta do que ele, mas caiu sobre os joelhos quando o viu caminhar na sua direcção.

— Concedei-me a vida, s'nhor de Stark, e serei vossa.

— Minha? Que faria eu com uma perjura?

— Eu não quebrei juramento nenhum. O Stiv e o Wallen fugiram da Muralha, eu não. Os corvos negros não têm lugar para mulheres.

Theon Greyjoy aproximou-se devagar.

— Dá-a aos lobos — disse a Robb. Os olhos da mulher saltaram para o que restava de Hali, e afastaram-se com a mesma velocidade. Estremeceu. Até os guardas pareceram nauseados.

— Ela é uma mulher — disse Robb.

— Uma selvagem — disse-lhe Bran. — Ela disse que me deviam manter vivo para me levarem a Mance Rayder.

— Tens um nome? — perguntou-lhe Robb.

— Osha, por vossa mercê — murmurou ela em tom amargo.

O Mestre Luwin ergueu-se.

— Faríamos bem em interrogá-la.

Bran conseguiu ver o alívio no rosto do irmão.

— Será como dizeis, Mestre. Wayn, ata-lhe as mãos. Ela volta conosco para Winterfell... e viverá ou morrerá consoante as verdades que nos ofereça.



## TYRION

— Queres comer? — perguntou Mord, carrancudo. Segurava um prato de feijão cozido com uma mão grossa de dedos curtos.

Tyrion Lannister estava faminto, mas recusou-se a deixar que aquele bruto o visse rebaixado.

— Uma perna de carneiro seria agradável — disse ele da pilha de palha suja que se acumulava a um canto da sua cela. — Talvez um prato de ervilhas com cebola, um pouco de pão fresco cozido com manteiga, e um jarro de vinho com açúcar para empurrar tudo para baixo. Ou cerveja, se for mais fácil. Tento não ser demasiado esquisito.

— Há feijões — disse Mord. — Toma. — E estendeu o braço.

Tyrion suspirou. O carcereiro não passava de cento e trinta quilos de grosseira estupidez, com dentes castanhos a apodrecer e pequenos olhos escuros. O lado esquerdo do seu rosto era liso, com uma cicatriz no local em que um machado lhe cortara a orelha e parte da bochecha. Era tão previsível como feio, mas Tyrion *tinha* fome. Estendeu a mão para o prato.

Mord puxou-o para longe, sorrindo.

— ‘Tá aqui — disse, segurando-o fora do alcance de Tyrion.

O anão pôs-se rigidamente em pé, sentindo dores em todas as articulações.

— Temos de jogar o mesmo jogo idiota a cada refeição? — Tentou de novo apanhar os feijões.

Mord afastou-se, arrastando os pés, mostrando os dentes podres.

— ‘Tá aqui, homem anão. — Esticou o braço sobre a borda onde terminava a cela e começava o céu. — Não queres comer? Toma. Anda apanhar.

Os braços de Tyrion eram curtos de mais para alcançar o prato, e não ia aproximar-se assim tanto da borda. Bastaria um empurrão rápido da pesada barriga branca de Mord, e ele acabaria os seus dias como uma repugnante nódoa vermelha nas pedras de Céu, como acontecera com tantos outros prisioneiros do Ninho de Águia ao longo dos tempos.

— Agora que penso nisso, afinal não tenho fome — declarou, retirando-se para o canto da sua cela.

Mord grunhiu e abriu os dedos grossos. O vento capturou o prato, virando-o ao contrário enquanto caía. Um punhado de feijões borrifou-os

enquanto a comida tombava para fora de vista. O carcereiro desatou a rir, fazendo tremer a barriga como uma taça de pudim.

Tyrion sentiu um súbito ataque de raiva.

— Filho dum pestilento asno dum cabrão — cuspiu. — Espero que morras de caganeira.

Por aquilo, Mord deu-lhe um pontapé, enterrando com força uma bota de ponta de aço nas costelas de Tyrion, ao encaminhar-se para a saída.

— Retiro o que disse! — arquejou enquanto se retorcia na palha. — Hei-de matar-te eu próprio, juro! — A pesada porta reforçada a ferro fechou-se com estrondo. Tyrion ouviu o ruído de chaves.

Para um homem pequeno, tinha sido amaldiçoado com uma boca perigosamente grande, reflectiu enquanto rastejava de volta ao seu canto daquilo a que os Arryn chamavam ridiculamente masmorras. Aconchegou-se sob um cobertor fino que era a sua única roupa de cama, olhando um deslumbramento de céu azul sem uma nuvem e de montanhas distantes que se pareciam prolongar até ao infinito, desejando ainda possuir o manto de pele de gato-das-sombras que ganhara a Marillion aos dados depois de o cantor o ter roubado do corpo daquele chefe saltador. A pele cheirara a sangue e mofo, mas era quente e grossa. Mord ficara com ela no momento em que lhe pusera os olhos em cima.

O vento puxava-lhe o cobertor com rajadas aguçadas como garras. A sua cela era miseravelmente pequena, até para um anão. A menos de metro e meio de distância, onde deveria existir uma parede, onde uma parede *estaria* numa masmorra a sério, o chão terminava e o céu começava. Não tinha falta de ar fresco e luz do Sol, e de Lua e estrelas à noite, mas Tyrion teria trocado tudo isso num instante pelo mais húmido e sombrio fosso nas entranhas de Rochedo Casterly.

— Vais voar — garantira-lhe Mord, quando o enfiara na cela. — Dia vinte, trinta, se calhar cinquenta. Depois vais voar.

Os Arryn mantinham a única masmorra no reino de onde os prisioneiros eram livres de fugir se bem entendessem. Nesse primeiro dia, depois de levar horas a revestir-se de coragem, Tyrion deitara-se de barriga para baixo e rastejara até à borda para projectar dela a cabeça e espreitar para baixo. Céu estava cento e oitenta metros mais abaixo, sem nada a não ser ar a separá-lo do castelo. Se esticasse o pescoço o máximo possível, conseguia ver outras celas à direita, à esquerda e por cima. Era uma abelha numa colmeia de pedra, e alguém lhe arrancara as asas.

Fazia frio na cela, o vento uivava noite e dia, e, pior que tudo o mais, o chão era *inclinado*. Só um pouco, mas o suficiente. Tinha medo de fechar os olhos, medo da possibilidade de rolar durante o sono e acordar em súbito

terror no momento em que deslizasse pela borda. Pouco admirava que as celas abertas enlouquecessem os homens.

*Que os deuses me salvem*, escrevera na parede um inquilino anterior qualquer, usando algo que se parecia de forma suspeita com sangue, *o azul está a chamar*. A princípio Tyrion interrogou-se sobre quem teria ele sido, e o que lhe teria acontecido; mais tarde, decidiu que preferia não saber.

Se ao menos tivesse calado a boca...

O maldito rapaz começara tudo, olhando-o de cima de um trono esculpido em repeseiro sob os estandartes da lua e do falcão da Casa Arryn. Tinham olhado de cima para Tyrion Lannister ao longo de toda a sua vida, mas era raro que quem o fizesse fosse um miúdo remeloso de seis anos que precisava de enfiar grossas almofadas debaixo das nádegas para se elevar à altura de um homem.

— Este é o homem mau? — perguntara o rapaz, agarrando-se à sua boneca.

— É — dissera a Senhora Lysa do seu trono mais pequeno, a seu lado. Vestia toda de azul, e estava empoada e perfumada para os pretendentes que lhe enchiam a corte.

— Ele é tão *pequeno* — dissera o Senhor do Ninho de Águia, aos risinhos.

— Este é Tyrion, o Duende, da Casa Lannister que assassinou o vosso pai. — Ela levantara a voz para que chegasse a todo o comprimento do Alto Salão do Ninho de Águia, ressoando nas paredes de um branco leitoso e nos estreitos pilares, para que todos os homens pudessem ouvi-la. — *Ele assassinou a Mão do Rei!*

— Oh, e também o matei? — dissera Tyrion, como um bobo.

Essa teria sido uma ótima ocasião para manter a boca fechada e a cabeça inclinada. Agora compreendia-o; pelos sete infernos, já então o compreendia. O Alto Salão dos Arryn era longo e austero, com uma frieza sinistra nas paredes de mármore branco com veios azuis, mas os rostos que o rodeavam eram de longe mais frios. O poder do Rochedo Casterly estava distante, e não havia amigos dos Lannister no Vale de Arryn. A submissão e o silêncio teriam sido as suas melhores defesas.

Mas o humor de Tyrion estava negro como a noite mais escura. Para sua vergonha, fraquejara durante a última etapa do seu dia de subida ao Ninho de Águia, e as suas pernas atrofiadas tinham-se mostrado incapazes de o levar mais alto. Bronn transportara-o o resto do caminho, e a humilhação despejara óleo nas chamas da sua ira.

— Parece que fui um tipinho bastante atarefado — dissera com um sarcasmo amargo. — Pergunto a mim próprio onde teria arranjado tempo para tratar de todos esses assassinios e mortes.

Devia ter-se lembrado de com quem estava a lidar. Lysa Arryn e o seu débil filho malsão não tinham ficado conhecidos na corte pelo seu amor pelos ditos de espírito, especialmente quando lhes eram dirigidos.

— Duende — dissera Lysa friamente —, vós tereis cuidado com essa vossa língua trocista e falareis respeitosamente ao meu filho, ou prometo-vos que tereis motivos para vos arrependerdes. Lembrai-vos de onde estais. Isto é o Ninho de Águia e estes que vedes em vosso redor são os cavaleiros do Vale, homens leais que queriam bem a Jon Arryn. Todos eles morreriam por mim.

— Senhora Arryn, se algum mal me acontecer, o meu irmão Jaime ficará feliz por se assegurar de que morram. — No preciso momento em que cuspi as palavras, Tyrion soube que eram uma loucura.

— Sois capaz de voar, senhor de Lannister? — perguntara a Senhora Lysa. — Um anão tem asas? Se não, sérieis mais sensato se engolísseis a próxima ameaça que vos vier à cabeça.

— Não fiz ameaça nenhuma — dissera Tyrion. — Aquilo era uma promessa.

Ao ouvir aquilo, o pequeno Lorde Robert pusera-se em pé de um salto, tão perturbado que a boneca caíra ao chão.

— Não nos podes magoar — gritara. — Ninguém nos pode magoar aqui. Diz-lhe, mãe, diz-lhe que não nos pode magoar aqui. — O rapaz começara a estremecer.

— O Ninho de Águia é inexpugnável — declarara calmamente Lysa Arryn. Puxou o filho para junto dela, rodeando-o com a segurança dos seus rechonchudos braços brancos. — O Duende está a tentar assustar-nos, meu querido. Todos os Lannister são mentirosos. Ninguém vai magoar o meu lindo filho.

O inferno era que não havia dúvida de que a mulher tinha razão. Depois de ver o que era preciso fazer para chegar até ali, Tyrion podia imaginar como seria um cavaleiro a tentar abrir caminho até lá a lutar, revestido de armadura, enquanto pedras e setas choviam sobre ele dos pontos altos, e inimigos o enfrentavam a cada passo. A palavra *pesadelo* nem começava a descrever a situação. Não surpreendia que o Ninho de Águia nunca tivesse sido tomado.

Mas, mesmo assim, Tyrion fora incapaz de se calar.

— Inexpugnável, não — dissera —, meramente inconveniente.

O jovem Robert apontara para baixo, com a mão a tremer.

— És um mentiroso. Mãe, quero vê-lo voar. — Dois guardas vestidos com mantos de azul-celeste agarraram em Tyrion pelos braços, levantando-o do chão.

Só os deuses sabiam o que poderia ter acontecido se não fosse Catelyn Stark.

— Irmã — chamara ela do seu lugar abaixo dos tronos. — Peço que te lembres que este homem é *meu* prisioneiro. Não o quero magoado.

Lysa Arryn olhou de relance e friamente a irmã por um momento, depois ergueu-se e caminhou imponentemente na direcção de Tyrion, arrastando as longas saias atrás de si. Por um instante, o anão temeu que ela lhe batesse, mas em vez disso, ordenou que o largassem. Os homens atiraram-no ao chão, as pernas fugiram-lhe e Tyrion caiu.

Deve ter apresentado um belo espectáculo quando lutou por se pôr de pé e a perna direita entrou em espasmos, atirando-o de novo ao chão. Gargalhadas rebentaram em todo o Alto Salão dos Arryn.

— O hospedezinho da minha irmã está demasiado cansado para se manter em pé — anunciara a Senhora Lysa. — Sor Vardis, levai-o para a masmorra. Um descanso numa das nossas celas abertas far-lhe-á muito bem.

Os guardas puxaram-no com brusquidão. Tyrion Lannister ficara pendurado entre eles, lançando fracos pontapés, com o rosto vermelho de vergonha.

— Lembrar-me-ei disto — dissera a todos quando o levaram.

E lembrava-se, por mais inútil que isso fosse.

A princípio consolara-se com a ideia de que o seu encarceramento não podia durar muito tempo. Lysa Arryn queria humilhá-lo, era tudo. Voltaria a mandá-lo buscar, e em breve. Se não o fizesse, então Catelyn Stark desejaria interrogá-lo. Daquela vez dominaria melhor a língua. Elas não se atreveriam a matá-lo sem mais nem menos; ainda era um Lannister de Rochedo Casterly, e se derramassem o seu sangue, isso significaria a guerra. Pelo menos era o que dizia a si próprio.

Agora já não tinha tanta certeza.

Talvez os seus captores só pretendessem deixá-lo ali a apodrecer, mas temia que não teria forças para apodrecer por muito tempo. A cada dia que passava, ficava um pouco mais fraco, e era só uma questão de tempo até que os pontapés e golpes de Mord o magoassem seriamente, partindo do princípio que o carcereiro não o mataria primeiro à fome. Mais algumas noites de frio e fome, e o azul começaria também a chamar por si.

Gostaria de saber o que estava a acontecer para lá das paredes (as que havia) da sua cela. O Lorde Tywin teria certamente enviado patrulhas quando a notícia lhe chegara. Jaime podia estar naquele momento a liderar uma hoste na travessia das Montanhas da Lua... a menos que em vez disso se dirigisse para norte, contra Winterfell. Será que alguém fora do Vale chegava a suspeitar do local para onde Catelyn Stark o levará? Gostaria de

saber o que faria Cersei quando soubesse. O rei podia ordenar a sua libertação, mas Robert iria dar ouvidos à mulher ou à Mão? Tyrion não tinha ilusões quanto ao amor de Robert pela irmã.

Se Cersei usasse a cabeça, insistiria que fosse o próprio rei a julgar Tyrion. Até Ned Stark pouco podia objectar a isso sem pôr em causa a honra do rei. E Tyrion de bom grado tentaria a sua sorte num julgamento. Fosse quais fossem os assassínios que lhe atribuíam, os Stark não tinham nenhuma prova que ele conseguisse descortinar. Que apresentassem o seu caso perante o Trono de Ferro e os senhores da terra. Seria o fim deles. Se ao menos Cersei fosse suficientemente inteligente para ver isso...

Tyrion Lannister suspirou. A irmã não era desprovida de uma certa baixa astúcia, mas o orgulho cegava-a. Veria naquilo o insulto, mas não a oportunidade. E Jaime era ainda pior, impetuoso, teimoso e de ira fácil. O seu irmão nunca desataria um nó, se pudesse abri-lo em dois a golpes de espada.

Perguntava a si próprio qual deles teria enviado o salteador para silenciar o rapaz Stark, e se teriam de facto conspirado para matar Jon Arryn. Se a antiga Mão fora assassinada, a coisa tinha sido feita com habilidade e subtileza. Homens da idade dele andavam sempre a morrer de doença súbita. Por contraste, enviar um imbecil qualquer com uma faca roubada para matar Brandon Stark parecia-lhe inacreditavelmente tosco. E, pensando melhor, não seria *isso* peculiar?...

Tyrion estremeceu. Ora *ái estava* uma suspeita sórdida. Talvez o lobo gigante e o leão não fossem os únicos animais na floresta, e se isso fosse verdade, alguém estava a usá-lo como instrumento. Tyrion Lannister detestava ser usado.

Ia ter de sair dali, e depressa. As suas hipóteses de dominar Mord eram baixas ou nulas e ninguém se preparava para lhe fazer chegar cento e oitenta metros de corda, portanto, teria de os convencer a libertá-lo. A sua boca tinha-o metido naquela cela, bem podia também tirá-lo de lá.

Tyrion pôs-se em pé, fazendo os possíveis por ignorar a inclinação do chão, com o seu tão subtil puxão para o abismo. Bateu na porta com um punho.

— *Mord!* — gritou. — *Carcereiro! Mord, preciso de ti!* — Teve de continuar durante uns bons dez minutos antes de ouvir passos. Tyrion deu um passo para trás um instante antes de a porta se abrir com estrondo.

— Fazer barulho — grunhiu Mord, com sangue nos olhos. Pendurada de uma mão carnuda, estava uma correia de couro, larga e espessa, enrolada no seu punho.

*Nunca lhes mostres que tens medo*, lembrou Tyrion a si mesmo.

— Gostavas de ser rico? — perguntou.

Mord bateu-lhe. Baloçou a correia para trás com a mão, preguiçosamente, mas o couro apanhou Tyrion na parte de cima do braço. A força que trazia fê-lo cambalear, e a dor deixou-o a ranger os dentes.

— Boca não, homem anão — preveniu Mord.

— Ouro — disse Tyrion, imitando um sorriso. — O Rochedo Casterly está cheio de ouro... ahhhh... — Daquela vez o golpe foi dado para a frente, e Mord colocou mais do seu braço no balanço, fazendo o couro estalar e ressaltar. Atingiu Tyrion nas costelas e pô-lo de joelhos, a choramingar. Forçou-se a olhar para o carcereiro. — Tão rico como os Lannister — arquejou. — É o que se diz, Mord...

Mord grunhiu. A correia assobiou pelo ar e esmagou-se em cheio na cara de Tyrion. A dor foi tanta que nem deu por cair, mas quando voltou a abrir os olhos, estava no chão da cela. O ouvido ressoava, e a boca estava cheia de sangue. Apalpou em busca de um apoio, a fim de se erguer, e os seus dedos roçaram contra... coisa nenhuma. Tyrion puxou a mão para trás tão depressa como se a tivesse escaldado e fez os possíveis por parar de respirar. Tinha caído mesmo na borda, a centímetros do azul.

— Mais a dizer? — Mord segurou a correia entre os punhos e deu-lhe um forte puxão. O *snap* fez Tyrion saltar. O carcereiro riu.

*Ele não me vai empurrar*, disse Tyrion desesperadamente a si próprio enquanto se afastava da borda a gatinhar. *Catelyn Stark quer-me vivo, ele não se atreve a matar-me*. Limpou o sangue dos lábios com as costas da mão, sorriu e disse:

— Essa foi rija, Mord. — O carcereiro olhou-o de soslaio, tentando decidir se estava a ser escarnecido. — Podia dar bom uso a um homem forte como tu. — A correia voou, mas daquela vez Tyrion conseguiu esquivar-se dela. Apanhou um golpe de raspão no ombro, nada mais. — Ouro — repetiu, afastando-se sobre os pés e as mãos como um caranguejo —, mais ouro do que verás aqui em toda a vida. O suficiente para comprar terras, mulheres, cavalos... podias ser um senhor. Lorde Mord. — Tyrion reuniu ruidosamente um globo de sangue e muco e cuspiu-o para o céu.

— Não há ouro — disse Mord.

*Ele está a ouvir!*, pensou Tyrion.

— Aliviaram-me da bolsa quando me capturaram, mas o ouro ainda é meu. Catelyn Stark pode tomar um homem prisioneiro, mas nunca se rebaixaria a roubá-lo. Isso não seria honroso. Ajuda-me, e todo o ouro será teu. — A correia de Mord saltou, mas foi um golpe hesitante, isolado, lento e desdenhoso. Tyrion apanhou o couro com a mão e manteve-o preso. — Não haverá risco para ti. Tudo o que tens a fazer é entregar uma mensagem.

O carcereiro libertou a sua tira de couro da mão de Tyrion.

— Mensagem — disse, como se nunca tivesse ouvido a palavra. A carranca abria-lhe profundas fendas na testa.

— Ouviste-me, senhor. Basta que leves as minhas palavras à tua senhora. Diz-lhe... — *O quê? O que poderia levar Lysa Arryn a mostrar-se flexível?* A inspiração chegou de súbito a Tyrion Lannister. — ... diz-lhe que eu desejo confessar os meus crimes.

Mord ergueu o braço, e Tyrion preparou-se para mais um golpe, mas o carcereiro hesitou. A suspeita e a cobiça guerreavam nos seus olhos. Desejava aquele ouro, mas temia um truque; tinha o aspecto de um homem que tinha sido frequentemente enganado.

— É mentira — resmungou em tom sombrio. — Homem anão engana-me.

— Posso pôr a minha promessa por escrito — garantiu Tyrion.

Alguns iletrados sentiam desdém pela escrita; outros pareciam ter uma reverência supersticiosa pela palavra escrita, como se fosse algum tipo de magia. Felizmente, Mord pertencia ao segundo tipo. O carcereiro baixou a correia.

— Escrever ouro. Muito ouro.

— Oh, *muito* ouro — assegurou-lhe Tyrion. — A bolsa é só um aperiitivo, meu amigo. O meu irmão usa uma armadura de folha de ouro. — Na verdade, a armadura de Jaime era aço dourado, mas aquele imbecil nunca saberia a diferença.

Mord passou os dedos pela correia, pensativo, mas por fim cedeu e foi buscar papel e tinta. Depois da carta escrita, o carcereiro franziu o sobrolho ao vê-la, desconfiado.

— Agora, vai entregar a minha mensagem — exortou Tyrion.

Estava a tremer no sono quando vieram buscá-lo, tarde naquela noite. Mord abriu a porta mas manteve-se em silêncio. Sor Vardis Egen acordou Tyrion com a ponta da bota.

— Em pé, Duende. A minha senhora deseja ver-vos.

Tyrion esfregou o sono dos olhos e afivelou um sorriso que não sentia.

— Sem dúvida que sim, mas o que vos faz pensar que eu desejo vê-la?

Sor Vardis franziu o sobrolho. Tyrion lembrava-se bem dele, dos anos que passara em Porto Real como capitão da guarda doméstica da Mão. Uma cara quadrada e simples, cabelo grisalho, constituição pesada e sem sombra de humor.

— Os vossos desejos não são da minha conta. Em pé, ou mandarei que vos carreguem.

Tyrion pôs-se desajeitadamente em pé.



— Uma noite fria — disse em tom casual — e o Alto Salão tem tantas correntes de ar. Não quero apanhar um resfriado. Mord, se me fizeres favor, vai buscar o meu manto.

O carcereiro olhou-o de soslaio, com uma expressão estúpida e desconfiada.

— O meu *manto* — repetiu Tyrion. — A pele de gato-das-sombras que me tiraste para a guardar em segurança. Tu lembras-te.

— Vai-lhe buscar o maldito manto — disse Sor Vardis.

Mord não se atreveu a resmungar. Deitou a Tyrion um olhar que prometia uma retribuição futura, mas foi buscar o manto. Quando o enrolou em torno do pescoço do prisioneiro, Tyrion sorriu.

— Muito obrigado. Pensarei em ti sempre que o usar. — Atirou a parte da frente da longa pele por sobre o ombro direito e sentiu-se quente pela primeira vez em vários dias. — Mostrai o caminho, Sor Vardis.

O Alto Salão dos Arryn brilhava à luz de cinquenta archotes, que ardiavam em apoios presos às paredes. A Senhora Lysa trajava de seda negra, com a lua e o falcão bordados no peito com pérolas. Como não parecia ser do tipo de se juntar à Patrulha da Noite, Tyrion só conseguia imaginar que ela decidira que roupas fúnebres eram um traje apropriado para uma confissão. O seu longo cabelo ruivo, preso numa trança elaborada, caía-lhe sobre o ombro esquerdo. O trono mais alto a seu lado estava vazio; sem dúvida que o pequeno Senhor do Ninho de Águia estava a estremecer no seu sono. Pelo menos por isso, Tyrion sentia-se grato.

Fez uma profunda vénia e demorou-se um momento a passar os olhos pelo salão. A Senhora Arryn convocara os seus cavaleiros e servidores para ouvir a confissão, tal como ele esperara. Viu o rosto escarpado de Sor Brynden Tully e o abrupto de Lorde Nestor Royce. Ao lado de Nestor estava um homem mais novo com umas ferozes suíças negras, que só podia ser o seu herdeiro, Sor Albar. Encontrava-se ali representada a maior parte das principais casas do Vale. Tyrion descortinou Sor Lyn Corbray, esguio como uma espada, Lorde Hunter, com as suas pernas artríticas, a viúva Senhora Waynwood rodeada pelos filhos. Outros exibiam símbolos que não conhecia: uma lança quebrada, uma víbora verde, uma torre ardente, um cálice alado.

Entre os senhores do Vale encontravam-se vários dos que tinham sido seus companheiros na estrada de altitude: Sor Rodrik Cassel, pálido dos ferimentos meio curados, tinha Sor Willis Wode a seu lado. Marillion, o cantor, encontrara uma nova harpa. Tyrion sorriu: acontecesse o que acontecesse ali naquela noite, não queria que acontecesse em segredo, e não havia ninguém melhor do que um cantor para espalhar uma história aos sete ventos.

Ao fundo da sala, Bronn preguiçava sob um pilar. Os olhos negros do cavaleiro livre estavam fixos em Tyrion, e a sua mão pousava levemente no botão do punho da espada. Tyrion olhou-o longamente, interrogando--

--se...

Catelyn Stark foi a primeira a falar.

— Foi-nos dito que desejáveis confessar os vossos crimes.

— Desejo, senhora — respondeu Tyrion.

Lysa Arryn sorriu para a irmã.

— As celas abertas quebram-nos sempre. Os deuses podem vê-los lá, e não há escuridão onde se refugiem.

— Ele não me parece quebrado — disse a Senhora Catelyn.

A Senhora Lysa não lhe prestou atenção.

— Dizei o que tendes a dizer — ordenou a Tyrion.

*E agora façamos rolar os dados*, pensou com outro rápido relance para Bronn.

— Por onde começar? Sou um homenzinho vil, confesso. Os meus crimes são incontáveis, senhores e senhoras. Deitei-me com prostitutas não uma mas centenas de vezes. Desejei a morte ao senhor meu pai, e também à minha irmã, nossa piedosa rainha. — Atrás dele, alguém soltou um risinho. — Nem sempre tratei os meus criados com delicadeza. Joguei jogos de azar. Até cheguei a fazer batota, admito-o enrubescido. Disse muitas coisas cruéis e maliciosas acerca dos nobres senhores e senhoras da corte. — Aquilo provocou abertas gargalhadas. — Uma vez...

— *Silêncio!* — A pálida cara redonda de Lysa Arryn tomara um tom ardente de cor-de-rosa. — Que imaginais que estais a fazer, anão?

Tyrion inclinou a cabeça para o lado.

— Ora, a confessar os meus crimes, senhora.

Catelyn Stark deu um passo em frente.

— Sois acusado de enviar um assassino contratado para matar o meu filho Bran na sua própria cama, e de conspirar para o assassinio de Lorde Jon Arryn, a Mão do Rei.

Tyrion encolheu os ombros com ar impotente.

— Temo que *esses* crimes não possa confessar. Nada sei de assassinios.

A Senhora Lysa ergueu-se do seu trono de represeiro.

— Não irei ser alvo de troça. Já tiveste a tua brincadeira, Duende. Confio que tendes gostado dela. Sor Vardis, levai-o de volta para as masmorras... mas desta vez arranjai-lhe uma cela mais pequena, com um chão mais inclinado.

— *É assim* que se faz justiça no Vale? — rugiu Tyrion, tão alto que Sor Vardis se imobilizou por um instante. — Será que a honra fica à porta no

Portão Sangrento? Acusais-me de crimes, eu nego-os, e portanto atirais-me para uma cela a céu aberto para que congele e morra à fome. — Ergueu a cabeça, para mostrar bem a todos as nódoas negras que Mord deixara no seu rosto. — Onde está a justiça do rei? Será que o Ninho de Águia não faz parte dos Sete Reinos? Dizeis que estou acusado. Muito bem. *Exijo um julgamento!* Deixai-me falar, e deixai que a minha verdade ou falsidade seja julgada abertamente, à vista dos deuses e dos homens.

Um murmúrio baixo encheu o Alto Salão. Tyrion soube que tinha ganho. Era bem-nascido, filho do mais poderoso senhor do reino, irmão da rainha. Não lhe podia ser negado um julgamento. Guardas com mantos azul-celeste tinham-se começado a dirigir para Tyrion, mas Sor Vardis disse-lhes para parar e olhou para a Senhora Lysa.

A pequena boca desta torceu-se num sorriso petulante.

— Se fordes julgado e achado culpado dos crimes pelos quais sois acusado, então pelas leis do próprio rei, deveis pagar com o sangue da vossa vida. Não temos carrasco no Ninho de Águia, senhor de Lannister. Abri a Porta da Lua.

A aglomeração de espectadores separou-se. Uma estreita porta de represeiro surgiu à vista, entre dois esguios pilares de mármore, com um crescente esculpido na madeira branca. Aqueles que estavam mais perto da porta recuaram quando um par de guardas marchou até ela. Um dos homens removeu as pesadas barras de bronze; o segundo puxou a porta para dentro. Os seus mantos azuis ergueram-se-lhes dos ombros, a ondular, apanhados pela súbita rajada de vento que entrou a uivar pela porta aberta. Do outro lado havia o vazio do céu nocturno, salpicado de estrelas frias e indiferentes.

— Admirai a justiça do rei — disse Lysa Arryn. Chamas de archotes flutuaram como flâmulas ao longo das paredes, e aqui e ali um ou outro archote apagou-se.

— Lysa, penso que isto é insensato — disse Catelyn Stark enquanto o vento negro rodopiava pelo salão.

A irmã ignorou-a.

— Desejais um julgamento, senhor de Lannister. Muito bem, tereis um julgamento. O meu filho irá ouvir o que tendes a dizer, e vós ouvireis o seu julgamento. Então podereis sair... por uma porta ou pela outra.

Ela parecia tão contente consigo própria, pensou Tyrion, e não admirava. Como poderia um julgamento ameaçá-la, quando o senhor juiz era o fracote do seu filho? Tyrion olhou de relance para a Porta da Lua. *Mãe, quero vê-lo voar!* dissera o rapaz. Quantos homens teria já o ranhoso canalhinha mandado atravessar aquela porta?

— Agradeço-vos, minha boa senhora, mas não vejo necessidade de

incomodar o Lorde Robert — disse Tyrion delicadamente. — Os deuses conhecem a verdade da minha inocência. Desejo o seu veredicto, não o julgamento dos homens. Exijo um julgamento por combate.

Uma tempestade de súbitas gargalhadas encheu o Alto Salão dos Arryn. O Lorde Nestor Royce resfolegou, Sor Willis roncou, Sor Lyn Corbray relinchou e outros atiraram as cabeças para trás e uivaram até que lágrimas lhes correram pelos rostos. Marillion arrancou desajeitadamente uma nota alegre da sua nova harpa com os dedos da mão partida. Até o vento pareceu assobiar com zombaria, ao entrar, aos gritos, pela Porta da Lua.

Os olhos de um azul aguado de Lysa Arryn pareceram incertos. Tinha-a apanhado em desequilíbrio.

— Tendes certamente esse direito.

O jovem cavaleiro com a víbora verde bordada na capa deu um passo em frente e caiu sobre um joelho.

— Minha senhora, peço a mercê de ser o campeão da vossa causa.

— A honra deve ser minha — disse o velho Lorde Hunter. — Pelo amor que sentia pelo senhor vosso esposo, deixai-me vingar a sua morte.

— O meu pai serviu fielmente o Lorde Jon como Supremo Intendente do Vale — trovejou Sor Albar Royce. — Deixai-me servir aqui o seu filho.

— Os deuses favorecem o homem com a causa justa — disse Sor Lyn Corbray — mas é frequente que esse acabe por ser o homem com a espada mais hábil. Todos sabemos quem esse homem é. — E sorriu modestamente.

Uma dúzia de outros homens falou ao mesmo tempo, clamando para ser ouvida. Tyrion achou desanimador que tantos estranhos estivessem ansiosos por o matar. Este afinal talvez não tivesse sido um plano tão inteligente como parecera.

A Senhora Lysa ergueu uma mão a exigir silêncio.

— Agradeço-vos, senhores, como sei que o meu filho vos agradeceria se estivesse entre nós. Não há homens nos Sete Reinos tão ousados e leais como os cavaleiros do Vale. Gostaria de vos poder conceder a todos esta honra. Mas só posso escolher um. — Fez um gesto. — Sor Vardis Egen, fostes sempre um bom braço-direito do senhor meu esposo. Sereis o nosso campeão.

Sor Vardis tinha estado singularmente silencioso.

— Minha senhora — disse gravemente, deixando-se cair sobre um joelho —, peço-vos que atribuíis a outro este fardo, pois eu não tenho gosto nele. O homem não é guerreiro nenhum. Olhai-o. Um anão, com metade do meu tamanho e coxo das pernas. Seria vergonhoso matar um homem assim e dar-lhe o nome de justiça.

*Oh, excelente,* pensou Tyrion.

— Concordo.  
Lysa olhou-o furiosa.  
— Haveis exigido um julgamento pelo combate.  
— E agora exijo um campeão, tal como haveis arranjado um para vós. Sei que o meu irmão Jaime tomará de bom grado o meu partido.  
— O vosso precioso Regicida está a centenas de léguas daqui — exclamou Lysa Arryn.  
— Enviai-lhe uma ave. De bom grado esperarei a sua chegada.  
— Defrontareis Sor Vardis pela manhã.  
— Cantor — disse Tyrion, virando-se para Marillion —, quando escreveres uma balada sobre isto, não te esqueças de lhes dizer como a Senhora Arryn negou ao anão o direito a um campeão, e o enviou, aleijado, magoado e coxo, para defrontar o seu melhor cavaleiro.  
— Não vos nego nada! — disse Lysa Arryn, com a voz esganiçada de irritação. — Indicai o vosso campeão, Duende... se achais que encontrareis um homem que morra por vós.  
— Se não vos fizer diferença, preferia encontrar um que mate por mim. — Tyrion olhou em volta do longo salão. Ninguém se mexeu. Por um longo momento, perguntou a si próprio se tudo aquilo não teria sido um colossal disparate.  
Então houve uma agitação na parte de trás da sala.  
— Eu luto pelo anão — gritou Bronn.